



# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 19 - Ano 10 - Nº 19 – 1º semestre/2022

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## 2 – SER ARTETERAPEUTA, UM EXERCÍCIO DE REFLEXÃO

**Mariele Granato\***

“*Ars requirit totum hominem* (A arte requer o homem inteiro), lê-se num tratado alquímico. O mesmo se aplica plenamente ao trabalho psicoterapêutico. O compromisso real, que ultrapassa toda rotina profissional, é não só exigido em tais casos, como também imperioso” (JUNG, C. G. OC 16/2 § 400). Ao ler esta citação, de certa forma me senti instigada à escrita deste texto, considerando alguns aspectos sobre os quais, como arteterapeuta clínica e, especialmente, como docente em especializações de arteterapia, há algum tempo venho refletindo.

Inicialmente, precisamos compreender os aspectos que são os alicerces para os atendimentos arteterapêuticos: um mínimo de percepção de quem somos enquanto arteterapeuta se como nos encontramos como profissionais arteterapeutas no caminhar dos nossos atendimentos.

Como arteterapeutas, trabalhamos na construção dos processos arteterapêuticos em uma sequência de sessões como facilitadores, proporcionando àqueles que nos procuram algumas possibilidades visando atingir seus objetivos, sejam estes ampliar suas percepções a respeito de si mesmos e de seu entorno; desenvolver o autoconhecimento e a criatividade; buscar a própria identidade; e outros inúmeros aspectos. Mas, e nós arteterapeutas? Como estamos trabalhando nossa percepção de identidade própria como profissionais nesta função?

Obviamente, temos consciência do valor do estudo e da pesquisa na constante atualização a respeito de nossa atuação diária nos atendimentos. No entanto, os questionamentos individuais que nos cabem, permanecem: Qual é a minha identidade enquanto profissional arteterapeuta e como estou desenvolvendo minhas características de empatia e percepções do cliente? Como estou elaborando meu “formato” e conduzindo a construção dos processos de cada cliente? Como estou diante desta “rotina” de atender a quem me procura?

Quem sabe fosse interessante nos proporcionarmos uma parada para refletirmos até que ponto é possível que exista em nós um “automático” ao iniciarmos uma sessão, ou providenciarmos as buscas para se iniciar a construção de um processo arteterapêutico. A experiência nos torna mais próximos de uma possível segurança nestas etapas. Mas, seria recomendado que se considerasse que há a presença de uma linha tênue entre o saber adquirido e certa sensação de comodidade advinda em consequência desta experiência do saber.

Refletindo sobre estas questões, proponho que nos voltemos às palavras iniciais deste artigo, fazendo referência ao mestre Jung, quanto ao compromisso real, que ultrapassa a rotina profissional, pois nos exige inteiros e em constante renovação em nossa atuação. Especialmente, porque atuamos por meio da arte, utilizando-a

\* **Mariele Wanderley Granato** – Arteterapeuta APAT 003/0816. Licenciada em Artes Visuais; arte educadora; arteterapeuta clínica; docente em cursos de Especializações de Arteterapia, Práticas Integrativas Complementares e de Psicoterapia Infantil no Paraná; palestrante em congressos e simpósios de Arteterapia; autora de artigos publicados em Arteterapia. Sócia fundadora e ex-presidente da APAT – Associação Paranaense de Arteterapia; Conselheira de Honra da UBAAT. Supervisora e consultora em Arteterapia. Nasceu e reside em Curitiba-PR. [marielegranato@gmail.com](mailto:marielegranato@gmail.com) [www.artezen.org](http://www.artezen.org) (41) 99634-6424.

como instrumento e recurso expressivo para o emergente simbólico criativo e, ainda mais, aliando-a a um processo terapêutico.

A citação alquímica registrada por Jung, “A Arte requer o homem inteiro”, descortina infinitas possibilidades reflexivas a respeito de nossa presença na vida daqueles que nos procuram. Estaremos nós realmente presentes e inteiros ao acessarmos a arte, ofertando-a em processo terapêutico ao nosso cliente? Sentimo-nos integralmente libertos de percepções prévias e de julgamentos? Não há certo comodismo advindo do nosso caminhar mais experiente? Seja como for, cada um de nós possui uma trajetória própria, que deve ser respeitada, pois também é sagrada, pois foi construída com base em nossas experiências perceptivas, de estudo, pesquisa e influência de experiências de outros. Mas isso de nada invalida a necessidade de nos reavaliarmos constantemente no “como” nos apresentamos para nós mesmos em nossas características internas como arteterapeutas e em nossas sistemáticas nos atendimentos. Ou seja, a rotina não pode suplantiar o nosso olhar sobre o novo que nos chega através do histórico de cada cliente.

“Almas rasas não fazem ondas.” A premissa de Fabrício Carpinejar faz todo o sentido nesta abordagem em que proponho o aprofundamento de nossa autoanálise, singularmente a cada etapa proposta da construção de um processo arteterapêutico,

independente da nossa caminhada prática possuir maior ou menor experiência vivenciada pela quantidade de atendimentos.

Devemos sempre lembrar e considerar que cada cliente traz consigo uma história única e sagrada, carregada de esforços, dores, sentimentos e esperanças. É neste contexto que se faz necessário desenvolvermos um olhar “novo” sobre cada nova situação em que iremos nos fazer presentes como intermediários da cura pela arte, rumo a superações e alcances de objetivos na vida do indivíduo.

As perguntas: como sou e estou na função de arteterapeuta e de que forma estou aplicando minha dinâmica de atendimento nas etapas de cada processo que construo em arteterapia, fazem todo o sentido nesta autoanálise. Elas devem ser constantemente repetidas para que seja possível nos autoavaliarmos, e estarmos abertos à construção e desconstrução de nossas habilidades e competências como profissionais, sempre em busca de crescimento, aprimoramento, superação e incessante aprendizagem.

O permanente exercício do aprender e apreender novas experiências, exercitando-nos a novos olhares sobre nós mesmos e nossa atuação como arteterapeutas, certamente nos impulsionará a ações mais edificantes e automotivadoras na continuidade de nossa jornada profissional.

